



IMIGRAÇÃO PORTUGUESA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO GEOGRÁFICA: O LUGAR DA CASA REGIONAL NO MOVIMENTO ASSOCIATIVO LUSO-BRASILEIRO

■ ROBERTO RIBEIRO DE SOUSA (UFRJ), E-MAIL: RRSGEO@YAHOO.COM.BR.

RESUMO

ESTE ARTIGO ENFOCA A IMPORTÂNCIA DAS CASAS REGIONAIS, TIPO DE ASSOCIAÇÃO FUNDADAS POR PORTUGUESES AO LONGO DO SÉCULO XX, QUE SE APRESENTAM COMO LUGARES DE CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS, AS QUAIS, APOIADAS EM REPRESENTAÇÕES GEOGRÁFICAS REGIONAIS DE PORTUGAL, FORAM E SÃO RELEVANTES AO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO E RELACIONAMENTO DESSES IMIGRANTES NO RIO DE JANEIRO.

PALAVRAS-CHAVE: LUGAR, IDENTIDADE TERRITORIAL, IMIGRAÇÃO PORTUGUESA, COMUNIDADE IMAGINADA.

1. INTRODUÇÃO _____

● processo migratório é, marcadamente, uma ação coletiva na qual estão presentes variados condicionantes que levam o indivíduo a emigrar de sua terra natal em busca de novas terras. Conexões são estabelecidas entre lugares de partida e chegada que se relacionam através das redes sociais envolvendo uma teia de contatos cujos sonhos e projetos de vida são imaginados, realizados ou frustrados. Essas redes sociais de migrantes que envolvem a circulação de informações e de pessoas requisitam estruturas e instituições que agem no sentido de viabilizar a empreitada da migração e proporcionar melhor adaptação para o imigrante no novo território.

Neste sentido, as associações de migrantes constituem organizações importantes no atendimento às necessidades daqueles que chegam a um novo território para reconstruir sua vida. Procuram atender

carências de ordem cultural, econômica e/ou política no propósito de permitirem melhores condições de vida para aqueles que chegam ao novo país, região ou cidade.

A imigração portuguesa para o Brasil no século XX foi acompanhada de movimento associativo que propiciou a fundação de associações que serviram e servem de referência cultural, apoio econômico e/ou assistência social voltadas para a comunidade portuguesa no Brasil. Distantes fisicamente da terra natal e sem o apoio incisivo estatal português, os imigrantes portugueses sentiam-se desamparados e expostos às vicissitudes que a vida em um novo país impõe. A possibilidade de contatos com patrícios era adequado para mobilizar interesses vinculados à cultura, trabalho, saúde, lazer e negócios. Um lugar de encontro com pessoas do mesmo perfil tornava-se importante. O movimento associativo é a consequen-

te resposta a essas demandas. Torna-se estratégico fundar associações com finalidades vinculadas ao atendimento específico do grupo imigrante.

O presente artigo fundamenta-se na análise da importância de um determinado tipo de associação que se tornou a mais numerosa dentre as fundadas por portugueses no Rio de Janeiro no século XX: as casas regionais. Para o aprofundamento do estudo, citamos como exemplo uma destas casas regionais: a Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, na cidade do Rio de Janeiro. Partimos da idéia que uma casa regional qualifica-se como lugar onde as práticas culturais da terra natal são revividas na forma idealizada de um Portugal camponês. Destacamos que essas práticas culturais são carregadas de importantes representações de ordem geográfica no processo de construções identitárias.

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS _____

O tipo de associação "casa regional" apresenta-se como lugar de produção identitária com base em representações que apelam para referências espaciais de ordem local, regional e nacional relacionadas ao concelho, ao distrito, à província, à região, e, é claro, ao próprio espaço nacional português. Estes variados recortes geográficos representam geralmente facetas de Portugal idealizado como rural e marcado pelas tradicionais atividades camponesas em que o "sentimento de saudade" é celebrado (Feldman-Bianco, Bela, 1992). No Rio de Janeiro, a fundação das várias casas regionais estaria inicialmente ligada a um movimento social dos imigrantes portugueses constituído, no princípio, pelo pertencimento regional, não de ordem separatista, mas no sentido de que a "parte faz um todo". A identificação regional não seria um movimento de independência política do distrito ou

da província de origem, mas de valorização da área natal dentro da pátria maior portuguesa como forma cultural de agregar e defender os interesses dos imigrantes. Rocha-Trindade, M. B., (1989, p.8) assinala que os laços além-fronteiras entre regiões específicas de Portugal e os destinos privilegiados demonstram uma relativa tendência para a especialização dos fluxos migratórios em função da origem em comum. Esses laços estariam apoiados na existência de redes de difusão de informação, suportadas por formas de agregação social que variam entre redes familiares, redes de vizinhança / de simples conhecimento ou redes profissionais. A manutenção desses tipos de "laços" facilitaria no estrangeiro a reconstituição de comunidades da mesma procedência geográfica.

Acreditamos que o processo de identificação praticado na casa regional opera utilizando-se de referências de ordem espacial na construção da identidade. Como o perfil do tipo de associação em foco foi fundado e definido originalmente como lugar associativo em função do recorte regional de Portugal representando a origem geográfica do imigrante, o processo de construção identitária elegeu como componente uma determinada representação espacial. Por isso consideramos pertinente a idéia de identidade territorial proposta por Haesbaert, Rogério (1999, p.172) definindo-a como sendo "identidade social definida fundamentalmente através do território". Em linha de raciocínio similar, Bossé, Mathias Le (2004, p.169) afirma o "território identitário" como ritual e simbólico assim como o local, espaço de práticas ativas e atuais, por intermédio das quais se afirmam e vivem as identidades.

Para o entendimento de construção da identidade coletiva, com base na origem geográfica processada em uma casa regional, é preciso pensar em dois

norteadores espaciais de alteridade e, portanto, de identificação diferenciadora. Uma diferenciação que produz referenciais de uma identidade portuguesa produzida pelo imigrante em contraponto a uma cultura nacional da sociedade majoritária brasileira que não é portuguesa. A outra diferenciação trata-se do próprio grupo português em que operam as identidades com base geográfica no local, distrito, província e o país de origem. Hall, Stuart (2003, p.65) afirma que as identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferenças e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Assim, quando se discute se as identidades nacionais estão sendo deslocadas (aqui tratamos dos imigrantes portugueses no Brasil), deve-se ter em mente a forma pelas quais as culturas nacionais contribuem para "costurar" as diferenças numa única identidade. A existência de variadas casas regionais representativas, de acordo com determinado lugar de origem, permitiu e permite ao freqüentador ou ao associado português, se identificar e optar, conforme conveniência de amizades, de entretenimento e lazer. Faz, também, com que esse se sinta como membro de um grupo específico portador de uma representação que é a associação regional na qual se insere. As distintas casas regionais acabam por acionar uma diferenciação espacial que é valorizada como força particular que exprime a riqueza cultural da comunidade portuguesa no Brasil. As divisões em casas regionais (Casa de Trás-os-Montes, Casa do Minho, Casa do Açores, Casa do Porto entre outras) funcionam como elementos de uma fragmentação representativa que age no sentido de fortalecer tradições culturais legítimas oriundas de Portugal. Podemos perceber que as representações das casas regionais formam identidades

que são "costuradas" pela identidade ampla da pátria em comum. A autonomia na direção e o esforço de representação das casas regionais, quanto à organização das atividades culturais, não funcionam como elemento de desagregação de relação de pertinência à identidade portuguesa, pelo contrário, fortalecem esta identidade nacional. Em se tratando de grupos que mantêm uma ação conjunta (particularmente aqueles que lutam em torno de uma identidade específica), é importante ressaltar que as representações de identidade cumprem funções organizacionais no grupo: demarcam seus limites (nós/eles), estabelecem uma comunhão sobre possíveis elementos de ruptura, criando simbolicamente uma unidade em torno de interesses (materiais e/ou simbólicos) ou mesmo um projeto em comum.

A representação cultural não significa necessariamente a homogeneidade ou heterogeneidade interna absoluta dos membros que constituem o grupo social que partilha uma determinada identidade coletiva. A representação da identidade no seu processo de produção simbólica pelo grupo social é que realça ou disfarça diferenciações internas conforme a ocasião. Se o interesse em dado momento é de valorização representativa da identidade coletiva maior, dentro desse processo ocorre subtração de diferenças internas e valorização de semelhanças em que a produção de uma identidade elege aspectos no campo simbólico que definem a relativa homogeneidade do grupo social no campo da representação da identidade coletiva. Em circunstâncias diferentes, se em outro momento interesses de grupos particulares acabam por se tornarem fortalecidos dentro do grande grupo, valorizam-se as diferenciações internas em que a diversidade de identidades mostra-se nítida. Podemos observar que, no caso das representações

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO POR REGIÕES E ESTADOS NO BRASIL DAS ASSOCIAÇÕES DE ORIGEM PORTUGUESA.

Regiões e Respectivos Estados no Brasil				
Sudeste	Sul	Nordeste	Norte	Centro-Oeste
RJ: 57	PR: 9	BA: 6	PA: 7	MT: 3
SP: 43	SC: 1	PE: 4	AM: 4	DF: 2
MG: 6	RS: 11	MA: 3		GO: 1
		AL: 2		
		CE: 2		
		RN: 1		
Total de associações de origem portuguesa no Brasil: 162				

Fonte: org. pelo autor com dados da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras (2004).

Grande parte das associações de origem portuguesa no Brasil está situada na região Sudeste, principalmente nos estados do RJ e SP. Estes dois estados concentram 100 (cem) associações, que equivalem a 61,73% do total das associações.

de identidade exercidas nas casas regionais, dois processos concomitantes ocorrem: um é de exercício de representação de identidade coletiva portuguesa em que o nacional é um recorte geográfico estabelecido; o outro é que no interior da representação desta identidade nacional operam diferenciações que estabelecem identidades regionais apoiadas na origem e/ou identificação natural/cultural conforme províncias e distritos da pátria Portugal. O elo em comum desses dois processos de representação simbólica está no projeto de visibilidade e valorização cultural positiva dos portugueses no Brasil.

O uso de representações são formas simbólicas que produzem sentido para interpretação do contexto na qual o indivíduo ou grupo social se encontra inserido. O processo de elaboração de determinada identidade por um grupo lança uso de representações que expõem determinado olhar no sentido de apreensão da realidade. As representações não podem ser encaradas como propriamente a realidade e sim como forma de expressar uma visão de realidade a partir de um enfoque projetado e apontado pelo grupo social. A representação da identidade coletiva, como conceito relacional, pode se apoiar, no seu processo de construção, em referenciais de

diferentes ordens: econômica, política, cultural, espacial, temporal. Conforme são acionados estes referenciais, são fornecidos ao indivíduo ou ao grupo percepção do que está a sua volta e o sentido a sua própria existência. Em se tratando da representação espacial, avaliamos que a representação de uma dada região ou país não pode ser tratada de forma reificada, como se fosse uma entidade autônoma com uma trajetória que estabelece seu próprio destino. As críticas quanto ao tratamento desta forma de encarar o espaço (Bourdieu, 1989, p.111-112) são pertinentes e alertam no sentido de termos cuidados para não tornar a representação espacial como um ser concreto com dinâmica alheia as relações sociais. Todavia, concordamos com Haesbaert, Rogério (1986, p.18) quando diz que o fato de vivermos em "um dado espaço já nos identifica socialmente" quando reconhecemos nele um "espaço vivido" em que a própria delimitação espacial "forja ou fortalece identidades como os nacionalismos e os regionalismos". Portanto, o espaço teria um valor simbólico exercido a partir de representações para o grupo social em relevo, agindo como suporte de identificação cultural e tendo como base o espaço vivido.

Podemos perceber, ainda, que a identidade de origem portuguesa manifesta-se de forma multiescalar. A casa regional é aqui considerada como centro de valores e sentidos pela prática social de um grupo específico e como lugar que permite a ligação de ordem afetiva onde temos um "porto seguro", caracterizado pela unicidade física em que se torna *locus* de manifestação de identidade, no qual variadas escalas espaciais podem ser representadas. Segundo Castro, Iná (1995, p.136) a escala é a escolha de como dividir o espaço, definindo-a como "uma realidade percebida/concebida", uma maneira de figuração e representação formando um conjunto de representações lógicas sobre o espaço em questão. A autora rechaça a idéia de que a escala seja uma progressão linear de medidas de aproximação sucessivas. A escala não é um fenômeno meramente representativo, sob o ponto de vista limitado cartográfico que está preso a noções preliminares de redução numérica, estabelecendo uma ordem simplesmente gráfica. A escala é um olhar geográfico lançado sobre determinado fenômeno. No presente estudo, a escala torna-se potencialmente representativa e significativa como forma de vislumbrar as manifestações de identidade portuguesa que operam projetando recortes geográficos de diferentes ordens. Numa casa regional é possível encontrarmos referências de identidade que vão desde o local de convívio natal imediato, do concelho, do distrito, da província, do país e, até mesmo, das glórias épicas, feitos econômicos, políticos e culturais realizados pela expansão ultramarina dos portugueses, deixando realizações mundo afora.

Na casa regional é possível encontrar contêrreos da mesma origem, seja regional ou nacional, estabelecer laços de companheirismo e promover a lembrança das vivências passadas da terra natal

distante a partir das conversas informais. Nela encontramos pessoas com trajetórias afins quando levamos em conta que os imigrantes deixaram a aldeia ou vila de origem camponesa na esperança de melhores condições de vida e vieram para o Brasil. É na associação que se compartilham as vivências de privações e o trabalho árduo que foram motivados pela possibilidade do enriquecimento e a conquista de estabilidade material. Dividem-se as perspectivas em relação aos familiares. Nestas circunstâncias, a identidade é mediada pelo sentido de lugar (Frémont, Armand, 1980; Tuan, Yi-Fu 1983) estabelecido para a casa regional que acaba por participar da vida dos indivíduos e dos grupos de portugueses que frequentam esse determinado local. Deste modo, o lugar influencia, até mesmo constrói, tanto subjetivamente como objetivamente, identidades culturais e sociais (Bossé, Mathias Le, 2004) resultantes numa vivência coletiva em que laços de aproximação e proximidade são mediados pela representação de uma cultura.

3. AS ASSOCIAÇÕES DE ORIGEM PORTUGUESA _____

As "associações portuguesas", "associações luso-brasileiras" ou ainda "associações de origem portuguesa" expressam instituições que foram e são importantes no processo de adaptação, defesa de interesses, assistência social e referência cultural na ampla teia de relações que os imigrantes portugueses, descendentes e simpatizantes organizaram no Brasil. Estas associações ofereceram e oferecem variada gama de serviços conforme sua finalidade específica que podem ser de caráter recreativo, beneficente, hospitalar ou educacional. As associações, apesar de haver diferenciação quanto às atividades propostas, possuem em comum rede de relações sociais em que a identificação étnica portuguesa é aspecto marcante.

As associações se encontram irregularmente distribuídas pelo território brasileiro, havendo áreas com maior concentração e outras com menor concentração. A TAB.1, a seguir, organizado segundo dados da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras (2004), oferece visão da localização geográfica sob o âmbito macrorregional das cinco regiões propostas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e seus correspondentes estados.

Podemos notar a presença de associações nas dezessete unidades federativas do Brasil de acordo com as cinco macrorregiões - Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Estes dados confirmam a configuração distributiva de associações como de abrangência nacional. Contudo, a distribuição das associações é assimétrica. A região Sudeste concentra o maior número de associações somando 106 num total de 162 sendo que a esmagadora maioria concentra-se nos estados do Rio de Janeiro (57 associações) e São Paulo (43 associações). Esta grande concentração geográfica das associações no Rio de Janeiro e São Paulo estão coerentes com os fluxos migratórios de portugueses para o Brasil que se fixaram, sobretudo, nestes dois estados devido ao maior poderio industrial, comercial, financeiro em relação ao restante do

país. A região Sul aparece em segundo lugar com 21 associações seguida da região Nordeste com 18. As regiões Norte e Centro-Oeste surgem respectivamente com 11 e 6 associações caracterizando baixo número de associações relativamente.

4. AS ASSOCIAÇÕES: TIPOS E HISTÓRICO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO _____

As associações podem ser divididas segundo suas atividades principais em beneficentes, culturais, entidades profissionais/empresariais e as recreativas. Antes de descrevê-las, organizamos dados em que é destacada a fundação das associações de origem portuguesa na cidade do Rio de Janeiro por período histórico, correspondente aos séculos XIX e XX, conforme os tipos descritos anteriormente. A partir da TAB. 2, a seguir, confirmamos que o movimento associativo esteve presente nos séculos XIX e XX, contudo com diferenças importantes a serem destacadas. No século XIX, as associações beneficentes atingiam enorme quantitativo que apresentaram queda no século seguinte. Já o século XX apresentou o surgimento de associações profissionais/empresariais e a formidável expansão das associações recreativas nas quais se destacaram as casas regionais.

TABELA 2 TIPO E QUANTIDADE DE ASSOCIAÇÕES DE ORIGEM PORTUGUESA NOS SÉCULOS XIX E XX NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO- RJ.

Associações	Século XIX	Século XX
Beneficentes	18	9
Culturais	3	5
Profissionais e empresariais	–	3
Recreativas	2	27
Total	23	44

Fonte; org. do autor com base em dados em Muller, Elisa (2005) e Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras (2004). A maioria das associações fundadas no século XIX foi as "beneficentes" enquanto que no século XX a fundação de casas regionais foi predominante

As associações beneficentes são aquelas que se destinam a prestar assistência social aos filiados em situações de doença ou invalidez, caridade, serviço médico e atendimento hospitalar, ajuda funerária, orientação jurídica e apoio aos desempregados.

Trata-se das instituições de beneficências, socorro mútuo, assistência médica e caridade. Este grupo chegou a atingir o número de 18 agremiações no século XIX no Rio de Janeiro. Tal quantidade explica-se pela ausência e/ou precariedade do Estado Brasileiro na prestação de serviços hospitalares e previdenciários. No entanto, com a implantação pelo Estado Nacional de rede assistencial de prestação pública de serviços previdenciários e hospitalares, várias associações de socorro mútuo entraram em crise ou faliram devido à impossibilidade de competirem com a força, garantia e vantagens que o Estado passou a oferecer aos trabalhadores no Brasil. Os estrangeiros e, portanto, também os portugueses, eram incluídos nesses serviços previdenciários desde que, é claro, contribuíssem oficialmente para o sistema. Com isso, os associados dessas diversas beneficências passaram a deixar de contribuir com elas, preferindo as instituições públicas brasileiras de assistência. Isto explica o motivo da queda de 18 associações no século XIX para 8 associações existentes no século XX.

As associações culturais estão representadas especificamente pelas escolas e bibliotecas que, de forma geral, organizam e estimulam estudos ligados à cultura literária portuguesa. Destacamos o Real Gabinete Português de Leitura, localizado no Centro do Rio de Janeiro como a maior biblioteca de livros voltados para cultura portuguesa no Mundo (fora de Portugal).

As associações profissionais e empresariais foram fundadas com a motivação de representar interesses

econômicos das relações de trabalho e negócios de portugueses no Brasil. A Câmara de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro é a mais antiga registrada com fundação em 1912.

As associações recreativas abrangem aquelas em que as atividades visam a proporcionar diversões aos seus associados e freqüentadores por meio de festas folclóricas, práticas esportivas, bailes, homenagens, etc. Correspondem às casas regionais, bandas, orfeões, grupos de dança e clubes desportivos. São as mais numerosas na atualidade e de grande importância no que tange a possibilidade de rede de encontro e relações entre portugueses, descendentes e simpatizantes, associados ou não, dispersos ou mais concentrados geograficamente. Dentro do grupo das associações recreativas, destacamos as casas regionais no presente estudo. As casas regionais são lugares que possuem destacado peso e visibilidade nas representações de ordem geográfica que contribuem para a formação de identidade coletiva e são responsáveis pela efetivação de parcela considerável das manifestações culturais dos portugueses no Brasil.

Em relação ao número de associações (levando-se em conta os quatro tipos da TAB.2) presentes na cidade do Rio de Janeiro, temos o total de 44 existentes até o final do século XX. Quando consideramos especificamente o quantitativo das associações recreativas presentes na cidade, ao todo são 27. Nota-se que 19 associações (ver TAB. 3 seguinte) deste tipo pertencem à categoria casa regional. Desse modo, as casas regionais correspondem a 43,18% do total das associações e 70,37 % das associações recreativas na cidade carioca. Portanto, as casas regionais de origem portuguesa compõem a maior parte das associações na cidade do Rio de Janeiro.

A TAB. 3 abaixo evidencia que, apesar do pioneirismo da Casa de Trás-os-Montes e da Casa do Minho, a maioria das casa regionais foram fundadas na segunda metade do século XX. Outro aspecto é que estão representadas variadas ordem político-administrativas como concelhos (Arouca e Espinho), distritos (Porto, Viseu), províncias (Casa Trás-os-Montes, Minho), província insular (Açores) e até mesmo antigo território colonial ultramarino (Macau).

Segundo Melo, Daniel (2004, p.2-3) o regionalismo luso consolidou-se no período do "republicanismo triunfante" em que a oratória favorável à descentralização político-administrativa em Portugal formou quadro propício para o surgimento de associações representando as províncias deste país. Dessa

forma, foram fundadas as casas regionais de Trás-os-Montes (1905), Madeira (1907), Alentejo (1914), Beiras (1915-16), Minho (1923) e Açores (1927), Algarve (1931), Ribatejo (1937). Em continuidade ao movimento, surgiram outras casa regionais em Portugal representando os distritos de Coimbra (1937-na província das Beiras) de do Porto (1943-na província do Douro Litoral).

Desse modo, quando comparamos as casas regionais fundadas em Portugal com as casas regionais fundadas no Brasil, podemos perceber que o pioneirismo do movimento associativo coube ao país europeu. Inspirados nestas associações, lideranças portuguesas no Brasil passaram a vislumbrar a possibilidade de fenômeno correlato no Brasil onde as casas regionais assistissem aos imigrantes.

TABELA 3 AS CASAS REGIONAIS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: RESPECTIVOS ANOS DE FUNDAÇÃO

Nome	Fundação
Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro	1923
Casa do Minho	1924
Casa dos Poveiros	1930
Casa do Porto	1945
Casa dos Açores	1952
Casa das Beiras	1953
Casa Vila da Feira e Terras de Santa Maria	1953
Casa Regional de Aveiro	1958
Casa de Espinho	1964
Casa Aldeias de Portugal	1966
Casa de Viseu	1966
Clube Recreativo Português de Jacarepaguá	1966
Arouca Barra Clube	1967
Casa Regional de Ovar	1974
Casa Regional de Leiria	1977
Rancho Folclórico Verde Gaio	1977
Clube Português do Rio de Janeiro	1981
Dança e Cantares do Divino Salvador	1985
Casa de Macau	1991

Fonte: org. pelo autor com dados da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras(2004)

Apesar do pioneirismo da Casa de Trás-os-Montes e Casa do Minho que foram fundadas respectivamente em 1923 e 1924, o surgimento da maior parte das casas regionais na cidade do Rio de Janeiro corresponde ao período da segunda metade do século XX.

No Brasil, a expansão das associações no século XX e a fundação das casas regionais estão inseridas em contexto nos quais lideranças portuguesas procuram se afirmar como grupo organizado na defesa central de seus interesses. Lima, M. H. Beozzo (1973, p.39-46) assinala que, o plano de implementação da Casa de Portugal, organização idealizada por lideranças portuguesas no início do século XX e esquetizada de forma mais consistente em 1916, estaria na origem das casas regionais no Brasil. A "Casa de Portugal", conforme plano nesse momento histórico, deveria incentivar e promover a aproximação e união dos portugueses por meio de relações e estrutura de serviços institucionais de assistência médica, hospitalar, jurídica, escolar, bibliotecária, assim como, atividades e festas artísticas e esportivas. A Casa de Portugal seria a instituição maior, a matriz que promoveria o vínculo entre os próprios portugueses no Brasil e o laço de origem com a mãe-pátria Portugal. O primeiro ato de tal organização estruturada seria a fundação dos centros (casas) regionais em que cada província lusa corresponderia a uma casa que congregaria os naturais daquela região e todas essas casas se reuniriam para compor a Casa de Portugal.

O plano da Casa de Portugal, mesmo com esse detalhamento, não se efetivou. No entanto, plantaram estímulos para a fundação do Centro Trasmontano (atualmente Casa dos Trás-os-Montes e Alto Douro), em 1923, e a Casa do Minho, em 1924. Ambas são as mais antigas casas regionais em funcionamento.

Em 1931, foi realizado na cidade do Rio de Janeiro o "Primeiro Congresso de Portugueses no Brasil" reunindo todos representantes das associações portuguesas. Nele, discutiram-se os principais problemas que os imigrantes portugueses encontravam no Brasil, e os interesses em comum do grupo de

ordem econômica, social, cultural e artística (Rego, A. da Silva, 1966).

Do "Primeiro Congresso de Portugueses no Brasil" nasce efetivamente a Federação das Associações Portuguesas. Neste contexto, a Federação surge com objetivo duplo: evitar dispersão de forças do movimento associativo e ao mesmo tempo garantir a autonomia das casas regionais.

Em 1966 surgem novamente a idéia e a tentativa da fundação da "Casa de Portugal". Porém, sua fundação não possuía mais como justificativa central a defesa dos "interesses ameaçados" dos portugueses. Naquele momento, a Casa de Portugal não era mais prevista como uma instituição centralizadora e sim orientadora das atividades da colônia portuguesa vindo a substituir a Federação das Associações Portuguesas. No entanto, mais uma vez, a Casa de Portugal não se concretizou.

A fragilidade na consolidação da Casa de Portugal como instituição centralizadora passa, também, pela própria expansão, fundação e plena independência reivindicada pelas casas regionais que não aceitavam ingerências externas. Desenvolveram-se, então, como organização associativa com prática autônoma cujo planejamento das atividades é definido no interior de cada casa. Apesar de tentativas de centralização da gestão das associações portuguesas no Brasil em diferentes momentos do século XX, a organização autônoma e a representatividade regional foi um princípio marcante na fundação de novas associações de origem portuguesa no Rio de Janeiro. As casas regionais passaram a se multiplicar de maneira que, atualmente, são as mais numerosas entre as associações de origem portuguesa na cidade carioca.

Conforme anteriormente citado, as primeiras casas regionais fundadas na cidade Rio de Janeiro

foram o Centro Trasmontano e a Casa do Minho, ambas na década de vinte do século XX. A inicial fundação dessas duas casas despertou o processo de fundação de outras casas regionais. Isto porque apenas os trasmontanos e minhotos encontravam-se inicialmente representados, apesar de não serem os únicos grupos regionais de portugueses. Para outros grupos de portugueses (poveiros, açorianos, portuenses entre outros) não ter uma própria associação representativa era sinal de invisibilidade e fragilidade perante aos demais grupos. Assim, lideranças de outros grupos regionais portugueses interessados na fundação de novas associações passaram a acionar, como justificativa, a ausência da representação regional do grupo em relação aos demais grupos (por exemplo, os trasmontanos e minhotos que já se encontravam representados).

5. A CONSOLIDAÇÃO DE UMA CASA REGIONAL _____

Na idéia e iniciativa de fundação de uma casa regional, como no caso específico da Casa Trás-os-Montes, foi comum a utilização do recurso da "comunidade imaginada" (Anderson, Benedict, 1989) para possibilitar a reunião de companheiros da mesma origem geográfica para convívio. No processo de criação e consolidação de uma casa regional era preciso, para legitimar e dar visibilidade aos regionais da nova associação a ser criada, o estabelecimento de uma sede própria com espaços para o convívio e recreação dos associados.

Esta sede própria deveria conter marcos simbólicos no seu micro-espço de convívio que demarcassem claramente a casa como sendo legítima representante da região, ou seja, uma "casa portuguesa". Ao percorrermos o interior da Casa de Trás-os-Montes, podemos confirmá-la como um lugar carregado de

símbolos étnicos com alusão aos aspectos geográficos e históricos trasmontanos. A fachada externa e os cômodos internos são decorados com objetos culturais de ordem regional e/ou nacional que são considerados relevantes para a afirmação da cultura trasmontana e portuguesa. Retratações de um passado glorioso como as "Grandes Navegações" e o "Descobrimento do Brasil", bustos de vultos importantes portugueses, quadros e bandeiras da província de Trás-os-Montes e Portugal formam cenário permanente de celebração da cultura trasmontana e lusa.

A organização de eventos festivos que fizessem representar o folclore e as festas da terra de origem tornou-se uma outra necessidade para assegurar a força da casa regional e moldar a identificação regional do grupo em questão. Os elementos culturais presentes numa festa típica como o rancho folclórico, a gastronomia e as músicas seriam responsáveis pelo resgate e estabelecimento das tradições oriundas do concelho, distrito ou província de procedência geográfica. Estes elementos culturais, que estão na base das tradições trasmontanas, também consolidariam a autenticidade e visibilidade da casa regional.

Particularmente, a festa adquire dimensão de disputa pela apropriação do espaço simbólico do lugar, a casa regional, em que o controle cultural da festa é produto de relações de poder estabelecidos no interior da Casa de Trás-os-Montes, conforme as expectativas e interesses da direção, dos associados e dos frequentadores da casa regional. A definição do tipo de festa e o público que se deseja atingir, de acordo com a respectiva atração cultural para ocasião, as datas a serem comemoradas e as homenagens estabelecidas para os associados ou para as pessoas julgadas como "ilustres" são maneiras pelas quais a direção da casa regional orienta a programação cultural festiva a ser

executada. Este poder da diretoria é legitimado pelo mandato, conforme eleições regulamentadas pelo estatuto e apoiada pelos associados mais influentes que ocupam cargos ou posições de destaque na casa. Quando observamos a composição da diretoria, os cargos são ocupados, na maioria, por portugueses dentre quais os mais numerosos são os trasmontanos. Por isso, as festas típicas portuguesas, a maior das atrações recreativas da casa regional, acabam por evidenciar tipo de evento festivo dominante nas apresentações culturais da associação. Estas festas também demonstram a estética cultural padronizada sendo, portanto, o resultado da visão cultural do grupo dominante, que controla os rumos da casa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS _____

Podemos observar que as casas regionais destacaram-se por serem as associações mais numerosas dentro do contexto do movimento associativo português no Brasil, ocorrido no século XX, e tiveram como característica central a identificação regional e étnica. Entre os papéis exercidos pelas casas regionais como associação representativa, podemos enfatizar cinco aspectos.

O primeiro, refere-se à possibilidade da associação ser, para o recém-chegado imigrante português, um lugar com possibilidade de encontros e contatos sociais daqueles vinculados, de maneira direta ou indireta, a sua comunidade de origem geográfica portuguesa oriunda do mesmo concelho, distrito ou província permitindo o reativamento de laços de amizades antigas ou a formação de novos grupos de amizades entre pessoas que tiveram a mesma trajetória.

O segundo aspecto relaciona-se à casa regional como local de produção de representações espaciais que possibilitam a caracterização de um lugar simbo-

licamente apropriado pelos portugueses. Estas representações, por sua vez, servem para as articulações referenciais na construção de identidades em torno daquilo que vincule ao ser, gostar ou simpatizar com as origens portuguesas.

O terceiro aspecto é que se trata de mais uma instituição que possibilita tornar visível a comunidade portuguesa que, na sua singularidade, evidencia, por outro lado, a pluralidade no Rio de Janeiro. A singularidade advém do fato de ser a representante institucional da província de Trás-os-Montes e dos trasmontanos na cidade. A pluralidade está em ser a representante de uma entre outras casas regionais, que representam e evidenciam as outras áreas de Portugal de origem (Casa do Minho, Casa dos Açores, Casa do Porto, etc.) dos variados grupos de imigrantes que caracterizaram a enorme massa de portugueses que vieram para o Brasil ao longo do século XX - especialmente nas primeiras décadas e após a Segunda Guerra Mundial. Tal singularidade e/ou pluralidade deve ser vista não como motivações separatistas em que se nega a pátria portuguesa. Pelo contrário, o "regionalismo" exercido pelas casas regionais reforça o sentimento de pertencimento ao nacional, a origem portuguesa.

O quarto aspecto é que as manifestações ocorridas em uma casa regional acabam por fundamentar, de forma deliberada ou não, um lugar de "memória" (Nora, Pierre, 1989). A associação possibilita cultivar e manter viva a memória das tradições, ligadas ao território original de forma mais ou menos idealizada. Esta idealização consiste num processo de reconstituição da memória social em que a saudade da terra natal é um norteador que age no sentido de selecionar os fatos ocorridos e re(a)presentá-los, a partir de cerimônias ou festas, de forma positiva, como valores culturais dos portugueses.

O quinto aspecto é que a construção da identidade lusa, baseada em referências espaciais, acaba por refletir projeções das relações de poder hierarquizadas constituídas no interior da casa regional e controladas pelo mesmo grupo de imigrantes de procedência regional cuja instituição representa. Por sua vez, este grupo hegemônico acaba por afirmar e projetar sua visão para o exterior da associação. Para exemplificar, no nosso estudo de caso, a hegemonia na Casa Trás-os-Montes foi e ainda é exercida pelos trasmontanos, mesmo com a grande presença quantitativa de outros portugueses e brasileiros.

Assim, a casa regional pode ser concebida como um perfil de associação na qual a identificação regional trasmontana e nacional portuguesa são construídas de maneira que as tradições de uma origem comum são resgatadas. Tradições estas vinculadas à comunidade "imaginada", arregimentando os portugueses trasmontanos, os demais portugueses e luso-descendentes (brasileiros) para compartilhar a casa como um lugar de afinidade e lealdade em função de origem similar. A efetivação das tradições também atua para moldar identidades cujas representações geográficas são acionadas pelos portugueses e descendentes para estabelecer uma diferenciação em relação à maioria na sociedade acolhedora. Representações geográficas que expressam saudade da terra natal (do concelho, do distrito, da província e, claro, do país) que exercidas na casa regional permitem lembrar aos portugueses e demarcar para os brasileiros uma ótica sobre um "Portugal" distante no tempo e no espaço real, que se torna tão próximo quando recordado neste lugar associativo situado em uma grande cidade cosmopolita: o Rio de Janeiro.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BOSSÉ, Mathias Le. As Questões de Identidade na Geografia Cultural - Algumas Concepções Contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto L., ROSENDAHL, Zeny (org.). *Paisagens, Textos e Identidade*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p.157-179.
- CASTRO, Iná. O Problema da Escala. In: CASTRO, Iná, CORRÊA, Roberto L., GOMES, Paulo C. C. (org.) *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p.117-140.
- FEDERAÇÃO PORTUGUESA E LUSO-BRASILEIRA. *Dados Estatísticos*. Rio de Janeiro: 2004. (Disquete)
- FELDMAN-BIANCO, Bela. Saudade, Imigração e Construção de uma Nação Desterritorializada. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, vol: 9 (n: 1), artigo 35, Campinas, 1992, p. 35-49.
- FREMONT, Armand. *A Região, Espaço Vivido*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- HAESBAERT, Rogério. *Campanha Gaúcha e o Resgate da Identidade Regional*. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, 1986.
- _____. Identidades Territoriais. In: CORRÊA, Roberto L., ROSENDAHL, Zeny (org.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, p.169-190.
- HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LIMA, Maria Helena Beozzo. *A Missão Herdada: um Estudo sobre a Inserção do Imigrante Português*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRJ, 1973.
- MELO, Daniel. *Longe da Vista, Perto do Coração: O Associativismo Regionalista no Império Português*, 2004 (Arquivo PDF).
- MÜLLER, Elisa. A Organização Sociocomunitária Portuguesa no Rio de Janeiro. In: LESSA, Carlos (org.). *Os Lusíadas na Aventura do Rio Moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.301-326.
- NORA, Pierre. *Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire*. In: *Representations*, n: 26 (1). Universidade da Califórnia, 1989, p.7-25.
- REGO, A. da Silva. *Relações Luso-Brasileiras (1822-1953)*. Lisboa: Sociedade Geográfica de Lisboa, 1966.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. A Presença dos Ausentes. *Revista de Estudos Urbanos e Regionais, Sociedade e Território*. Volume Oito, Espaço e Emigração, Ano 3, 1989, p.8-16.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

ABSTRACT

PORTUGUESE IMMIGRATION, IDENTITY AND GEOGRAPHIC REPRESENTATION: THE PLACE OF THE REGIONAL HOUSE IN ASSOCIATIVE PORTUGUESE-BRAZILIAN MOVEMENT.

THIS PAPER IS FOCUSED ON THE IMPORTANCE OF THE REGIONAL HOUSES, TYPE OF ASSOCIATION ESTABLISHED BY PORTUGUESE THROUGHOUT THE 20 TH CENTURY , WHICH PRESENT THEMSELVES AS PLACES OF IDENTITY CONSTRUCTIONS, WHICH SUPPORTED BY REGIONAL AND GEOGRAPHIC REPRESENTATIONS OF PORTUGAL,THEY HAVE BEEN RELEVANT TO THE ADAPTATION AND RELATIONSHIP PROCESSES OF THESE IMMIGRANTS IN RIO DE JANEIRO.

KEY WORDS: PLACE, TERRITORIAL IDENTITY, PORTUGUESE IMMIGRATION, IMAGINED COMMUNITY.